

Uma proposta Didático-Metodológica no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência: Um Estudo dos Enunciados da Avaliação do SARESP

Danielli de Cassia Morelli Pedrosaⁱ (UPM)
Camila Concatoⁱⁱ (UPM)

Resumo:

O PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) é um projeto que propicia uma maior aproximação maior entre futuros professores e alunos da Educação Básica. Esse contato é fundamental para a constatação de que a maioria dos alunos do Ensino Fundamental II tem dificuldade em ler, compreender e interpretar textos. Este trabalho visa a analisar e pesquisar a adequação da linguagem utilizada nos enunciados da avaliação do Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (SARESP), aplicados aos alunos do 7ºano, uma vez que o vocabulário utilizado na elaboração dessas questões não parece compreensível a esses alunos. Ao se observar a recepção dos educandos na leitura e interpretação dos enunciados, constata-se não apenas dificuldade de compreensão do que foi solicitado, como também desconhecimento do significado de muitas das palavras utilizadas. A partir disso, surgiram dúvidas sobre a validade dos resultados obtidos no SARESP, pois, se há incoerência na linguagem dos enunciados em relação ao contexto social e educacional dos estudantes, e ao conteúdo trabalhado em sala de aula, as avaliações não poderiam ser bem realizadas. Objetivou-se a partir disso, investigar a adequação da linguagem, identificar e quantificar as palavras mais desconhecidas pelos alunos utilizadas na prova. Por ser uma pesquisa qualitativa descritiva, adotou-se como instrumento as questões do SARESP de anos anteriores. Se existe a não adequação da linguagem utilizada, além de obviamente ocasionar péssimo resultado para as escolas nas quais essa incoerência é mais alarmante, conseqüentemente, há uma visão equivocada da qualidade do ensino oferecido em tais escolas, havendo prejuízos. Por meio de propostas como o PIBID, as escolas têm um aliado no processo de formação de leitores e produtores efetivos de textos. Como referencial teórico, foram utilizados os pensamentos de Hoffman (2003), Luckesi (2009) e Romão (2008).

Palavras-chave: PIBID, SARESP, Língua Portuguesa.

1 Introdução

O presente estudo surgiu de uma necessidade de preparar alunos de uma escola pública para a realização do SARESP, avaliação sobre a qual se fazem necessários alguns esclarecimentos. O SARESP ou Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo trata-se de uma avaliação da Educação Básica da rede pública estadual, que utiliza procedimentos metodológicos formais e científicos para colher e sistematizar informações sobre o desempenho e aprendizagem dos alunos, ao final dos terceiros, quintos, sétimos e nonos anos do Ensino Fundamental, bem como do terceiro ano do Ensino Médio.

O SARESP é uma avaliação externa em larga escala, em formato de múltipla escolha, aplicada a cada ano desde 1996, com a finalidade de produzir um diagnóstico da situação da escolaridade básica. São aplicadas provas cognitivas nas áreas de Língua Portuguesa com redação e Matemática, com alternância entre outras disciplinas. São aplicados também questionários socioeconômicos aos pais e alunos que participam e as escolas são submetidas a questionários de

contexto dirigidos aos diretores, professores-coordenadores e professores das disciplinas avaliadas.

O SARESP passou a contar, a partir de 2008, com uma base curricular comum a todos os alunos da educação básica de seu sistema de ensino como apoio às referências da avaliação, uma vez que na organização de um sistema o principal problema é explicitar uma resposta à seguinte pergunta: O que avaliar? Pergunta para a qual a resposta mais significativa só pode ser: Aquilo que o aluno deveria ter aprendido¹.

Na compreensão dos idealizadores do SARESP, considera-se que uma definição clara das expectativas de aprendizagem a serem obtidas é fundamental para a operacionalização do currículo e da avaliação. Isso orienta a organização dos projetos pedagógicos em cada escola e dá clareza à sociedade a respeito do compromisso para com o desenvolvimento das crianças e dos jovens. No próprio *site* do governo do Estado de São Paulo, há a informação de que:

A Proposta Curricular, referência comum a todas as escolas da rede, descreve o elenco das metas de aprendizagens desejáveis em cada área, estabelecendo os conteúdos disciplinares a serem desenvolvidos em cada ano ou ciclo e o que se espera que os alunos sejam capazes de realizar com esses conteúdos, expresso na forma de competências e habilidades, claramente avaliáveis².

Pretende-se, portanto, que a avaliação do SARESP seja estruturada a partir das indicações do que os alunos minimamente puderam aprender em cada área do conhecimento, em cada etapa da escolarização.

A necessidade de analisar e pesquisar a adequação da linguagem utilizada nos enunciados da avaliação do SARESP surgiu da percepção da dificuldade, apresentada pelos alunos do Ensino Fundamental II, em ler, compreender e interpretar textos, observadas por meio da aproximação maior entre futuros professores e os alunos da Educação Básica, propiciadas pelo PIBID (Programa de Instituição de Bolsas de Iniciação à Docência).

O PIBID concede bolsas a alunos das graduações que cursam a Licenciatura. Os projetos são desenvolvidos por Instituições de Ensino Superior em parceria com escolas públicas brasileiras de Educação Básica. Os graduandos, por sua vez, são orientados e supervisionados por um professor da Instituição de Ensino Superior para que se desenvolvam atividades didático-metodológicas na escola escolhida.

No caso do projeto aqui descrito, ao se atentar à recepção dos educandos na leitura e interpretação dos enunciados do SARESP, constatou-se não apenas dificuldade de compreensão do que foi solicitado, como também desconhecimento do significado de muitas das palavras utilizadas, trazendo questionamentos não só a respeito dos resultados da prova SARESP em si, como também sobre a questão dos processos avaliativos utilizados nas escolas de forma geral.

De modo geral, a avaliação consiste no ato de avaliar, verbo cuja etimologia deve-se ao francês *évaluer*, utilizado no sentido de estimar ou calcular o valor de algo. Reconhece-se a necessidade de monitoramento da qualidade de ensino e da efetivação da aprendizagem, porém questiona-se a eficiência de avaliações nos moldes do SARESP, não só no sentido principal abordado por este trabalho, ou seja, da adequação à realidade linguística do aluno ao qual a prova é aplicada, mas em sua eficácia como um todo, uma vez que não parece contemplar de forma global a realidade do processo educativo da escola pública.

A prática desse tipo de avaliação na ação educativa é claramente pautada em uma amostragem que não corresponde à verdadeira condição vivenciada pela aluno e não valoriza ou

¹ Disponível em <http://saresp.fde.sp.gov.br/2014/>. Acesso em: 08 set. 2014.

² Disponível em <http://saresp.fde.sp.gov.br/2014/>. Acesso em: 08 set. 2014).

contempla aspectos individuais, o aluno é tratado como um número e números apenas existem por si só, não trazem nada da complexidade cognitiva pessoal ou dos contextos culturais e sociais que rodeiam essas pessoas, menos ainda trazem da vivência particular do aluno, do professor ou da situação da unidade de ensino.

No caso da ambientação escolar, estendida aos processos avaliativos utilizados pelo governo, a avaliação costuma ser sinônimo de segmentação, com função classificatória e burocrática, atravancando o processo da construção do conhecimento e colhendo resultados superficiais, baseados inclusive em enunciados mal elaborados e, muitas vezes, com múltiplas possibilidades de resposta correta, algo inadmissível num prova objetiva. Nesse sentido, o foco volta-se a tudo que não deve ser, com críticas e contingências relacionadas à função repressiva, quando o aspecto do aprimoramento, ou seja, do ser melhor, não é visto e muito menos utilizado nesses processos.

Reconhecendo-se a serviço do autoritarismo e do direito de cátedra do professor, desde os primórdios da educação, os estudiosos em avaliação importam-se, sobretudo, em estabelecer críticas e paralelismos entre ação avaliativa e diferentes manifestações pedagógicas, deixando, entretanto, de apontar perspectivas palpáveis ao educador que deseja exercer a avaliação em benefício da educação. (HOFFMANN, 2003, p. 11).

Há que se dizer que conceber uma prova avaliativa em que se deve medir conhecimento generalizado não é uma tarefa simples, mas todavia, construí-la de maneira indistinta, também não formatará a situação real. São seres humanos e individualizados os que estão na extremidade mais frágil, e se a avaliação ideal não se aproxima do inteiramente humano, o questionamento da eficiência dessas provas faz-se necessária como ponto de partida ao aprimoramento, tanto para se tornar algo mais próximo do aluno quanto mais palpável e próximo da realidade. Educar e avaliar devem partir do mesmo ponto ao mesmo fim, juntos em seu propósito, evitando dar continuidade ao que comumente está estabelecido.

O fato de que o resultado da avaliação do SARESP está diretamente relacionado ao investimento governamental nas escolas e em premiações aos professores faz com que todo o processo de ensino-aprendizagem volte-se para esse fim, tornando-se mais ainda injusta e mecanizada essa forma de avaliação, uma vez que não leva em conta o ambiente escolar, o momento do aluno, a diversidade de culturas e o desnivelamento do conhecimento dos alunos, agravado pela política de progressão continuada.

As provas são superficiais, inconclusivas e muitas vezes mal elaboradas, não correspondendo plenamente ao conteúdo trabalhado em sala de aula, como visa a demonstrar esse trabalho. Não existe um *feedback* sobre os resultados, alunos e professores não sabem quais questões não foram acertadas e não têm como trabalhar os conteúdos que não foram dominados anteriormente pelos alunos. “Os educadores percebem a ação de educar e a ação de avaliar como dois momentos distintos e não relacionado.” (HOFFMANN, 2003, p. 15).

Uma boa avaliação ocorreria pautada em uma base de troca, a partir da qual não apenas o aluno crescesse e modificasse-se, mas o educador também absorvesse como oportunidade de renovação e crescimento de si mesmo. O sistema avaliativo ideal partiria de uma reflexão a qual o próprio erro do aluno seria bem vindo como um degrau de questionamento e ampliação do próprio universo de conhecimento.

A questão é que como o aluno poderá efetivamente errar ou acertar, no que se refere ao conhecimento, se não há um entendimento correto da própria pergunta por desconhecimento linguístico? Perdem-se, então, oportunidades valiosas de crescimento intelectual, as quais se situam tanto dentro dos acertos como também dos erros. “Reconhecendo a origem e a constituição de um erro, podemos superá-lo, com benefícios significativos para o crescimento. [...] Ou seja, foi o erro,

conscientemente elaborado, que possibilitou a oportunidade de revisão e avanço.” (LUCKESI, 2009, p. 57).

Uma reflexão um pouco mais profunda questionaria também a utilização de testes em tais avaliações. O teste, principalmente no SARESP, é usado como meio de constatação e medida, apenas um resultado numérico atribuído, quando a investigação deveria ser o foco principal. A má formulação das questões não levando em consideração a familiaridade textual e compreensiva dos alunos, apenas propicia uma relação autoritária por parte dos avaliadores e de quem estará computando os resultados. É o que nos especifica Romão (2008, p. 101), quando fala de avaliação dialógica: “A avaliação da aprendizagem é um tipo de investigação e é, também, um processo de conscientização sobre a ‘cultura primeira’ do educando, com suas potencialidades, seus limites, seus traços e seus ritmos específicos”.

Uma outra questão a ser considerada é que o modelo de teste, muitas vezes, propicia uma ambiguidade quanto ao resultado, pois o aluno poderá facilmente se sentir incapacitado por não ter tido o desempenho esperado. No entanto, sua resposta inadequada pode, na verdade, ter sido apenas o não-entendimento do que se pediu. A boa avaliação considera o indivíduo primordialmente e requer envolvimento, pesquisa e muito trabalho na construção de seu instrumento. O educador e o educando em um paralelo onde ambos possam contribuir ao enriquecimento do todo. “A confiança mútua entre educador e educando quanto às possibilidades de reorganização conjunta do saber pode transformar o ato avaliativo em um momento prazeroso de descoberto e troca de conhecimento.” (HOFFMANN, 2003, p. 67).

Este trabalho relata uma pesquisa qualitativa descritiva realizada com objetivo de verificar a não compreensão do vocabulário dos enunciados do SARESP e sua relação com os resultados de desempenho, bem como suas consequências para a avaliação do processo ensino-aprendizagem nas escolas e também propõe breve discussão sobre o próprio processo de avaliação.

2 Problematização

A solicitação inicial, feita ao grupo do PIBID, pela direção da escola, foi a de elaboração e aplicação de um projeto que contemplasse a preparação da turma para a prova do SARESP, uma vez que a escola não vinha alcançando bons resultados e nenhum trabalho tinha sido realizado nesse sentido ainda.

A partir de então, houve uma pesquisa bibliográfica a respeito dessa avaliação e a criação de um projeto denominado Copa SARESP, que inspirado na Copa do Mundo (que se aproximava), objetivava trabalhar, de maneira lúdica, questões referentes à avaliação estadual, a fim de propiciar aos educandos maior familiaridade ao estilo da prova, facilitando a compreensão das questões e melhorando seu rendimento.

Logo na primeira aula em que se trabalhou uma questão de uma avaliação antiga do SARESP, os alunos demonstraram a não compreensão de uma palavra chave na solução da questão. A partir daí, começou-se a trabalhar com a hipótese de que outras questões poderiam ser igualmente não compreensíveis devido a uma inadequação do vocabulário utilizado em sua formulação ou da inexistência de um glossário que permitisse ao aluno um aprendizado no momento da avaliação, tal glossário sendo inclusive uma oportunidade de enriquecimento do vocabulário da criança.

Em outra questão surgiu à utilização de um quadrinho com possibilidade de mais de uma interpretação sendo, porém, imputado erro ao aluno que escolhesse a alternativa não indicada pelo gabarito. Temas como humor, muito abrangentes e de difícil objetivação, são tratados como questões fechadas, não permitindo ao aluno a expressão de sua visão de mundo, muitas vezes tão adequada quanto a que a prova propõe como correta.

Assim, no caso da avaliação, ainda que se trate de questões objetivas, elas estarão carregadas da subjetividade de quem as formula, a partir mesmo da escolha dos

temas ou aspectos a serem destacados nas respostas. A não ser nos casos de combinação prévia do que se quer como resposta e de memorização estrita do que foi combinado, não há possibilidade de se estabelecer uma relação biunívoca rígida entre o que se pergunta e o que se responde. Toda situação problema – ou toda questão abre um leque de possibilidades a quem tenta resolvê-la ou responde-la, porque contextos e momentos diversos podem induzir até mesmo uma única pessoa a responder de modo diferente à mesma questão. (ROMÃO, 2008. p. 69).

A partir disso, surgiram dúvidas sobre a validade dos resultados obtidos no SARESP, pois se há incoerência na linguagem dos enunciados em relação ao contexto social e educacional dos estudantes, e ao conteúdo trabalhado em sala de aula, as avaliações não poderiam ser bem realizadas pelos alunos.

3 Pesquisa

Buscou-se, a partir da realidade observada, investigar a adequação da linguagem, verificar se havia mesmo uma dificuldade geral de compreensão dos enunciados, identificar e quantificar as palavras mais desconhecidas pelos alunos utilizadas na prova e verificar se existia uma relação entre esses fatores e o resultado dos alunos nas provas.

Foi, então, elaborada uma prova com dez questões de avaliações de SARESP anteriores, utilizadas para a avaliação de alunos dos sétimos anos do Ensino Fundamental II. A prova foi aplicada em seis salas de aula, de duas escolas da rede pública, sendo uma na zona leste da cidade de São Paulo e outra escola na zona sul.

As provas foram aplicadas com a orientação de que os alunos, em um primeiro momento apenas a lessem e grifassem todas as palavras que não conhecessem o significado e, somente após isso, resolvessem as questões. Elaborou-se a prova com questões de relativa facilidade, uma vez que o objetivo maior da pesquisa era verificar a questão do conhecimento prévio do significado das palavras utilizadas na elaboração dos enunciados e sua relação com os resultados obtidos.

4 Resultados e Discussão

De modo geral, a hipótese inicial foi confirmada, pois nas salas em que houve um baixo índice de palavras desconhecidas por questão e por aluno, a nota da prova foi maior, demonstrando rendimento satisfatório; nas salas em que houve alto índice de palavras desconhecidas por questão e por aluno, a nota foi menor, demonstrando rendimento insatisfatório e nas salas em que houve índice mediano de palavras desconhecidas por questão e por aluno, o rendimento foi igualmente mediano. Tais resultados demonstraram claramente a existência de uma relação direta entre a compreensão do significado das palavras do enunciado do SARESP com a resolução correta das questões.

Das seis salas investigadas, duas obtiveram baixo rendimento, duas obtiveram um rendimento mediano e duas obtiveram um alto rendimento. Consideraram-se fatores relevantes nos resultados, além da questão da compreensão adequada dos elementos do enunciado, aspectos como: a adesão da turma ao processo avaliativo, a existência ou não de ambiente silencioso e adequado no momento da prova e a compreensão plena das orientações para a realização da mesma (uma vez que havia uma fase anterior a da resolução das questões). Considerou-se também a necessidade de ampliação dessa pesquisa, abrangendo maior amostragem e incluindo alunos dos outros anos avaliados pelo SARESP, para melhor compreensão da adequação do vocabulário utilizado nos enunciados.

Houve apenas uma exceção em todo o processo de pesquisa, a saber, a questão de número 5. Nessa questão, em todas as salas, identificou-se um alto número de palavras desconhecidas pelos alunos sem, porém, haver nenhum prejuízo aparente na solução da mesma. Analisando a questão, observamos que as palavras desconhecidas não impediram sua resolução, uma vez que se tratava de

uma questão de interpretação de texto, cujas possibilidades de resposta não dependiam da plena compreensão das palavras que não eram conhecidas, todas referentes a coletivos, o que trouxe um novo questionamento a respeito da necessidade da adoção de um glossário na prova, já que na sua inexistência, qual seria então o objetivo da utilização de tais palavras num enunciado, uma vez que não seriam cobradas como conteúdo e também não seriam aprendidas pelos alunos? Compreendendo que em um plano ideal a avaliação também se propõe a ser um momento de aprendizagem, essa questão não apenas se mostrava ineficaz do ponto de vista avaliativo, dada a pobreza de sua problematização, como não oferecia nenhuma possibilidade real de aprendizagem.

Conclusão

Por meio do PIBID, verificou-se que embora o foco do SARESP parta de uma definição clara sobre as metas de aprendizagem a serem obtidas, a forma como tem sido elaborado parece não corresponder com eficácia a essas expectativas, uma vez que esse estilo de avaliação é pautado em amostragens que não correspondem às verdadeiras condições dos alunos, ocorrendo em um momento específico, em uma situação que pode ser imprópria para o teste, não levando em conta aspectos individuais ou ambientais dos sujeitos avaliados.

A prova tem sido formulada de forma por vezes insatisfatória, com questões de múltipla escolha que se pretendem capazes de avaliar conteúdos inclusive passíveis de várias interpretações. Destacamos o uso nem sempre adequado do vocabulário nos enunciados, com muitas palavras desconhecidas pelos alunos, sem nem ao menos a adoção de um glossário - que também poderia ser um veículo de aprendizagem no próprio instante de avaliação - prejudicando assim claramente os resultados das provas e com ele muitas unidades escolares e professores, que não serão agraciados com mais investimentos financeiros e bônus individuais. Também não existe um *feedback* aos alunos e professores a respeito dos resultados das provas, o que impede um trabalho em cima dos conteúdos não dominados pelos alunos, tornando o processo ainda mais improdutivo.

Reconhece-se a necessidade de existirem procedimentos e projetos que visem ao desenvolvimento e manutenção da qualidade de ensino nas escolas da rede pública, mas certamente esse não parece ser o veículo mais competente a ser utilizado, existindo inúmeras opções melhores de avaliação a serem testadas e adotadas.

Referências Bibliográficas

- 1] HOFFMAN, Jussara Maria Lerch. Avaliação: mito e desafio: uma perspectiva construtivista. 32 ed. Porto Alegre: Mediação, 2003.
- 2] LUCKESI, Cipriano Carlos. *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições*. 20 ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- 3] ROMÃO, José Eustáquio. *Avaliação Dialógica: desafios e perspectivas*. 7 ed. São Paulo: 2008.

i Autor(es)

i Danielli de Cassia Morelli PEDROSA, Mestranda

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)

dani.morelli@hotmail.com

ii Camila CONCATO, Graduada

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)

concato@uol.com.br